

Leituras imagéticas e urbanidade em ações culturais nas cidades de Natal e São Paulo: apontamentos sobre proposições comunicacionais¹

Profa. Dra. Josimey Costa da Silva²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Profa. Dra. Rose de Melo Rocha³

Escola Superior de Propaganda e Marketing/SP e PUC/SP

Resumo

Os resultados parciais de duas iniciativas de ação cultural realizadas nas regiões Nordeste e Sudeste do Brasil são apresentados neste artigo de forma a evidenciar a articulação com o campo da comunicação social e com pesquisas acadêmicas, as quais buscam, a partir de eixos conceituais partilhados, interfaces inter-estaduais pertinentes ao adensamento de reflexões sobre as cidades brasileiras em suas particularidades e universalidades, reforçando o aporte reflexivo das contemporâneas teorias da comunicação.

Palavras-chave

Comunicação; Imagem; Cidade.

Introdução

Dentre os aspectos que nos motivam a apresentar esta proposta ao NP Comunicação e Culturas Urbanas, está a clara afinação teórico-metodológica com seus pressupostos⁴, bem como o desejo de nele desenvolver, desde o aporte do NP, alguns dos sub-temas específicos deste Congresso de 2006, tal como apontados pela própria Intercom⁵.

Retomando um diálogo já anteriormente iniciado⁶, esta comunicação científica, redigida em parceria, tem por principal objetivo dar visibilidade e consolidar as interfaces que vêm se estabelecendo entre duas experiências de intervenção urbana pertinentes ao campo da Comunicação Social e coordenadas pelas pesquisadoras da área, que assinam este artigo. Trata-se de apresentar, de modo panorâmico e dialógico, ações culturais

¹ Trabalho apresentado ao NP Comunicação e Culturas Urbanas, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Josimey Costa da Silva é professora e pesquisadora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Publicou artigos, capítulos de livros e livros em co-autoria na área. Também é diretora de vídeo-documentários e autora de contos e poemas. Doutora em Ciências Sociais/Antropologia pela PUC/SP. E-mail: josimey@digizap.com.br

³ Rose de Melo Rocha é professora e pesquisadora do Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM/SP e docente da PUC/SP. Tem diversos artigos, capítulos de livros e livros em co-autoria publicados na área. Sua tese de doutorado recebeu o Prêmio Intercom/99. É doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, com pós-doutorado em Ciências Sociais/Antropologia pela PUC/SP.

⁴ Ressaltamos, neste sentido, o fato de as pesquisadoras proponentes manterem relação de parceria com a pesquisa “Jovens Urbanos”, sediada na PUCSP, sob coordenação de Sílvia H. S. Borelli.

⁵ Especialmente chama-nos atenção a discussão proposta acerca das Políticas Públicas de Comunicação.

⁶ Conferir trabalho proposto ao Intercom/NE - 2006, realizado em Maceió/AL sob o título “Comunicativas urbanidades: análise da imagem e ação cultural nas cidades de Natal e São Paulo”.

desenvolvidas nas cidades de Natal (RN) e São Paulo (SP), ambas articuladas a um aporte conceitual e a pesquisas acadêmicas que se voltam ao estudo da comunicação e das culturas urbanas contemporâneas.

Em termos conceituais, merece destaque o fato das iniciativas a serem expostas partilharem de eixos reflexivos comuns. Destacando alguns destes operadores conceituais, notamos que se apóiam em uma concepção bastante específica de *mídia*, resultante da noção de continuidade do universo lógico incessantemente recriado a partir do uso de formas simbólicas. Como meios perceptíveis e compatíveis para realização da comunicação simbólica, considera-se que as mídias distribuem mensagens e se colocam, elas próprias, como significativas numa vivência urbana.

Harry Pross (in Beth; Pross, 1990: 158-159) hierarquiza as mídias da comunicação a partir do corpo, entendido como o meio fundamental para acesso do sujeito ao mundo. A aposição de aparatos, que amplificam a atuação objetiva do corpo, implica na classificação das mídias em três grupos: primária (corpo), secundárias (corpo e um aparato para comunicação, como é o caso do jornal) e terciárias (corpo e dois ou mais aparatos para a comunicação, aí enquadrados o telefone, o computador e o cinema, entre outros). Note-se que esta noção não restringe a abrangência da mídia às empresas da comunicação social inseridas numa economia de mercado; antes, amplia o conceito para estruturas físicas de compartilhamento de mensagens simbólicas em qualquer contexto.

Tal opção teórica se fundamenta na compreensão de que o acesso do sujeito ao mundo e a sua relação com os outros seres estabelecem vínculos agenciados pelos sentidos na configuração da existência social. O vínculo, numa acepção etológica, diz respeito ao comportamento e à linguagem, constituindo um sistema de aproximação entre os seres pela via da afeição. Os vínculos se transformam em linguagem, códigos, leis, comunicação, sociedade. Grandes complexos comunicativos são gerados pela distribuição de símbolos e imagens. Grupos, culturas, sociedades têm essa origem.

A comunicação, entendida como o estabelecimento de vínculos, funda realidades que extrapolam o âmbito do simbólico e, concretamente, formatam percepções, interferem na vida das pessoas, determinam destinos, instituem mundos. Os mundos do âmbito do simbólico se autonomizam de tal forma em relação ao mundo dito concreto que muitas vezes encobrem o real experiencial, alterando a realidade de quem os vivencia. A comunicação flui nesse circuito que religa cultura e sociedade, idealidades e materialidades. Aquele que se comunica lança elos aos outros, estende pontes no mundo, para o mundo, e trafega por elas.

Em tal cenário, as mediações técnicas funcionam como sincronizadores sociais, interferindo nos ritmos do indivíduo coletivo e gerenciando a distribuição massiva das mensagens para assegurar um maior número de receptores no maior espaço, no menor tempo e com o custo mais baixo possível. Em contextos contemporâneos, que alguns autores do campo classificam como o de uma cultura das mídias, trata-se, por seu turno, de otimizar uma propagação maciça, sem deixar de qualificar, segmentadamente, o campo da recepção. Nestas sociedades midiáticas, imagéticas e discursivas, a memória social também passa pela formatação e distribuição da interface técnica, responsável pela sincronização dos processos sociais. Essa memória é distribuída pela mídia em forma de mensagens que fazem a mediação do conhecimento atual.

Deste cabedal teórico depreende-se ainda a partilha de uma compreensão da própria *cidade como mídia*. Neste espaço-tempo comunicacional, que dá suporte e engendra a mais variada e pulsante produção de linguagens e sentidos, muito se vê e pouco se olha. Imagens-esfinges, fábulas visuais convocam o vidente, capturando-o em um jogo de submersão visual que, por vezes, eclipsa a possibilidade de refletir sobre o vivido. O olhar é interpelado pela permissividade endoscópica que convida ao tudo devassar e ao rápido devastar.

Sentido educado na experiência urbana, ele é cada vez mais "embaçado", como se a luz da cidade se tornasse, por definição, bruxuleante. O que na modernidade era excrescência, agora se torna essência. O espaço urbano é atravessado, perfurado pelo tempo, pelos fluxos de pessoas e imagens, por sons e variados ruídos. Em tal contexto, a visão é compulsoriamente desvelada em sua potência de construção e em sua dinâmica de remontagem.

A cenarização do mundo e a conversão do humano em imagem promovem uma aproximação impactante entre espaço vivido e espaço visto, entre presencialidade e mediação. Televiajantes que hoje somos experimentamos, diante do écran televisivo ou do cenário urbano, o movimento ininterrupto e intensivo de múltiplas partidas e chegadas. Mal a vimos já nos despedimos de uma imagem, embarcamos em outra e assim sucessivamente.

Edificações, ruas, muros, circuitos eletrônicos, grades... muitos deles parecem excretar ainda uma sorte de violência simbólica, em uma intrigante afirmação de potência diante

do "mundo externo", uma demarcação de identidade — particular, individual — que pressupõe uma afirmação irreconciliável de diferença⁷.

Michel de Certeau ofereceu-nos a clássica definição do andar como "espaço de enunciação". Nossas cidades são hoje reescritas em meio a uma cultura da suspeição e defendemos neste artigo algumas possibilidades de reinvenção destes lugares. Dando prosseguimento a esta discussão, podemos ponderar que o atual sentimento de insegurança é resultado de uma amplificação dos riscos, de uma obsessão egoísta por proteção:

O narcisismo, inseparável do medo endêmico, só se constitui afirmando um exterior exageradamente ameaçador, o que, por seu turno, só pode alargar a gama de reflexos individualistas: atos de autodefesa, indiferença pelo outro, aprisionamento em casa; enquanto um número não-desprezível de habitantes das grandes cidades se abrigam já por trás da sua porta blindada e renunciam a sair à noite, apenas 6 por cento dos parisienses interviriam se ouvissem à noite chamar por socorro (Lipovetsky, 1983:190).

Violência e velocidade. Estes vetores conquistaram, é indubitável, um "lugar" decisivo nos discursos contemporâneos e no funcionamento de nossas cidades. Devastando-o ou transformando-o, são vestimentas a recobrir o corpo urbano, interagindo e se sobrepondo na conformação de uma superfície palimpsesta. É o duplo sentido de urgência oportunamente mencionado por Freitas (1996:25), o sentimento "provocado ao mesmo tempo pela rapidez da tecnologia e pelo medo da violência"⁸.

Baudrillard mencionou certa vez que o corpo passa por um processo de "exorcismo"⁹. Os signos da violência, tal como a concebemos, tomam parte de uma estratégia análoga de exorcismo do que um dia se considerou cidade: é a obliteração da *res publica* na transparência de seus excessos, na mobilização exaustiva do "sim, eu me defendo" ou na radicalização do "sim, eu agrido". Obviamente, ao caracterizar esta readequação do perfil estrutural e imagético das cidades, consideramos o grau de penetração das revoluções do transporte e das comunicações, redimensionadas pelo crescente impacto dos meios de difusão e produção tecnológicos, incluindo-se o acesso à telecomunicação instantânea e, na sua esteira, da televigilância em tempo real.

A generalização dos aparatos de vigilância e segurança, com a instalação de sistemas eletrônicos (arquitetonicamente "disfarçados" ou ostensivamente visualizados), é um componente relevante na ordem social e visual da violência aqui descrita. De fato, a

⁷ Sobre esta discussão ver Rocha, Rosamaria Luiza de Melo. *Estética da violência. Por uma arqueologia dos vestígios*. Tese de doutorado. São paulo, ECA/USP, 1998.

⁸ Freitas, em seu interessante estudo sobre os *shopping centers*, refere-se à tensão "tecnologização"/"precarização", observando que a mundialização das altas tecnologias dá-se em simultaneidade com a fragilização de determinadas regiões do planeta (Freitas, 1996:25).

⁹ "Essa estratégia de exorcismo do corpo pelos signos do sexo, de exorcismo do desejo pelo exagero de sua encenação, é bem mais eficaz que a antiga repressão feita de proibições" (Baudrillard, 1990:30).

adoção de aparatos como estes (circuito interno de vídeo, porteiros eletrônicos, alarmes etc.) já não se restringe a instituições carcerárias, ocupando indiscriminadamente empresas, escolas, estabelecimentos comerciais de pequeno e grande porte, residências e logradouros públicos. Câmeras de vídeo posicionadas para detectar infrações no tráfego, semáforos "inteligentes", "lombadas eletrônicas", sistemas de controle informatizado do fluxo de ônibus urbanos, rastreamento via satélite de veículos de carga e caminhões de transportadoras... A enumeração tende ao infundável, sem que ainda se possa medir ao certo o impacto de sua penetração.

Similarmente, o reforço, nas construções, nos aparelhos e na arquitetura urbana da utilização de tais instrumentos e da lógica que os sustenta encontra-se em flagrante proximidade à efetivação de uma reordenação territorial seletiva, com a proliferação de condomínios fechados e zonas simbólicas de confinamento e/ou banimento de "outros" indesejáveis, afetando, neste último caso, a população de menor poder aquisitivo.

Deleuze (1990) vê que as sociedades de controle sucedem às sociedades disciplinares, exercendo tal controle como "de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado". Controlar, hoje, significa "cifrar", criar senhas de acesso à informação ou à rejeição: "não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se "*dividuais*", divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou "*bancos*" (Deleuze, 1990:222).

Comentando uma passagem do romance *Estorvo*, de Chico Buarque, Caldeira (1992:289-290) oferece-nos uma ilustração do quadro descrito por Deleuze. A cena utilizada pela autora relata a experiência de um personagem do romance ao visitar sua irmã, moradora de um condomínio de luxo na cidade do Rio. A inadequação de seu "perfil" àqueles costumeiramente processados pela equipe de segurança do condomínio — suas roupas e sapatos, a ausência do carro — custa-lhe uma série de constrangimentos que terminam por dificultar o acesso final, a liberação de sua entrada. Diferentes e múltiplas estruturas de visibilização do poder privado, pessoal ou grupal despontam neste jogo de apartação, de afastamento/diferenciação. Note-se, assim, que as readequações espaço-temporais visam, igualmente, a criação de "territórios" ou arenas livres para a prática da violência. Como exemplo, há o impacto da autonomização da criminalidade com o estabelecimento de, literalmente, territórios de defesa de interesses particulares dos criminosos, nos quais, de fato, exerce-se um domínio da movimentação. Esta utilização outra de rituais de codificação pode, inclusive, se estender pelas imediações da região dominada.

Em contraste com a pacificação dos interiores — investimento em *shoppings*, em condomínios fechados (refúgios de tranquilidade, em um mundo que guerreia?) —, o embrutecimento dos exteriores. Violência imiscuída no corpo urbano, o mesmo oscilar do "pêndulo de Lipovetsky", entre a lógica *cool*, da suavização dos costumes, e a lógica *hard*, explosão agressiva da impossibilidade do encontro¹⁰.

"Se é possível falar de crise hoje em dia, esta é, antes de mais nada, a crise das referências (éticas, estéticas), *a incapacidade de avaliar os acontecimentos em um meio em que as aparências estão contra nós*." Esta é uma das proclamações de Virilio (1993), ao discorrer sobre a planificação do tempo nas sociedades tecnológicas. Se nos remetermos a esta análise, o que se observa é uma sorte de colonização imperceptível da temporalidade, uma super-exposição do espaço urbano a *protocolos de acesso* telemáticos, com a transmutação da forma urbana na expressão da "programação de um 'horário'" (Virilio, 1993:7-21).

Tomando por fundamento a movimentação compulsória, estabelecem-se, por seu turno, as bases temporais da sociedade da televigilância e da defesa apriorística. Neste caso, o imperativo do controle ostensivo não exclui o exercício de uma sedução¹¹ *high-tech*, quando por vezes chega-se a crer que o olhar digitalizado das câmeras de vídeo restabelece, no frenesi das vias públicas, uma temporalidade contínua e linear, a mesma sensação de segurança que se experimenta no *dia eterno*, na *suspensão temporal* dos *shopping centers*.

Vivemos, literalmente, o limite do olhar, que nos conduz a um estado de suspense ininterrupto: imaginamos ver o real, e o que vemos é sua encenação; pensamos desfrutar de um teatro, quando, na verdade, o que se vê é real; em outros casos, gostaríamos que o real fosse uma encenação. Movimento ambíguo que, colocando em relevo, em mobilização incessante e fracionada a capacidade perceptiva, não possibilita que se saiba ao certo o que de fato nos aguarda e, menos ainda, o que será capaz de nos mobilizar.

O olhar do viajante urbano concomitantemente mergulha e recua ante essa paisagem babélica. Nela, unem-se, em eterno conflito, o olhar limítrofe do *flâneur* e a sensibilidade vertiginosa do zapeador, construindo uma habilidade de pular de *flash* em

¹⁰ Para Baudrillard, ali onde termina a troca, inicia-se o terror: "Qualquer alteridade radical é (...) o epicentro de um terror" (Baudrillard, 1990:135).

¹¹ Como diria Renato Janine Ribeiro, "a sedução é a realização suprema da retórica. Esta última, estudando as paixões humanas, pergunta como o discurso deve se configurar para melhor manejar o seu destinatário, entendido, antes de mais nada, como um ser de afetos, de paixões. E é na sedução que esse jogo extrapola, decididamente, as palavras, para meter-se no 'clima', no entorno" ("A palavra democrática". *Folha de S. Paulo*, 30/03/97).

flash, de cena em cena, de registro em registro. E, incessantemente, encadeia trilhos de imagens descarriladas, farejando não apenas as pistas do que foi, mas, igualmente, tateando as imagens do vir a ser. A bricolagem se dá em movimento, em trânsito, em estado de descontinuidade e desordem. O veneno do deslocamento compulsório e da hiper-produtividade imagética torna-se um antídoto.

A extensão e implicações de tal panorama exigem também apreender a noção de que as cidades têm um princípio organizador que as unifica, mas que sempre as distingue entre tantas configurações possíveis de si mesmas. As cidades são também as muitas diferentes visões de quem a olha e vê as versões que se apresentam dentro dos seus limites urbanos. Uma visão da cidade é um discurso ao mesmo tempo individual e do todo, mais perceptível quanto mais concretizado em formas midiáticas. As mídias são, portanto, condição da visibilidade urbana. Os produtos midiáticos, assim, tanto quanto são expressões de um imaginário, formam a cosmologia imaginal que pode ser entendida nos termos de Michel Foucault (1987: 36-44), isto é, como uma unidade discursiva produzida historicamente.

Finalmente e igualmente relevante, é a preocupação em localizar, nas iniciativas de ação cultural desenvolvidas, o que se considera um *locus* privilegiado de produção de sentidos: *a imagem e os regimes imaginários a ela associados*. Mediação entre o visível e o invisível, jogo de ocultar/desocultar, de presença/ausência da imagem, desde a mais remota origem, coloca-se e nos coloca em estado limiar. Contemporaneamente, apressamo-nos por vezes em montar e esquecer nossos álbuns de lembranças. E, episodicamente, percebemos, pousados sobre nossas imagens – de nós mesmos, dos outros, do mundo –, decalques curiosos, semelhantes a mapas que se dissolveram no tempo, a cartografias em ruínas, mas também a palimpsestos que fragmentários e sobrepostos nos atualizam, em presença, memórias do vivido.

Cada um não só possui a cultura enquanto “um corpo complexo de normas, símbolos, ritos e imagens que penetram o indivíduo” (Morin, 1990: 15); a cultura também possui cada um. Cada cidadão re-significa a cidade subjetivamente, devolvendo-a sempre transformada ao todo da cidade do qual ele é parte. A cidade, então, é o conjunto das materialidades e das interpretações sobre ela. Todos os elementos do complexo cultural se atualizam num ato cognitivo individual porque este é, de fato, um fenômeno cultural. O real também pode ser lido como um texto. O novo se entrelaça necessariamente com o velho; a cidade não só conta, mas contém o seu passado. Importa o significado, mas também o significante (a forma). Os olhos não vêem coisas, mas figuras de coisas que

significam outra coisa, e estão incorporados às coisas mesmas (Deleuze, 1992: 57). O relato aqui proposto toma por desafio demonstrar como, em iniciativas extracurriculares de intervenção no espaço e no tempo urbanos, pode-se não só tomar as cidades como objeto de estudo relevante à nossa área de inserção acadêmica; pode-se atuar pragmática e legitimamente nelas.

Defendemos a possibilidade de envolver alunos, pesquisadores e profissionais da comunicação em uma ação a um só tempo reflexiva e pragmática, capaz de despertar um olhar sobre a cidade que ultrapassa a superfície das visualidades urbanas. Tomamos, por proposta metodológica fundamental, os exercícios de leitura da imagem que ressaltem o caráter indagativo do olhar e incitem possibilidades interpretativas que percebam, mais do que a legibilidade imagética, as mediações a eles associadas e por elas suscitadas.

Em função do perfil e da trajetória acadêmica próprias das pesquisadoras, apresentaremos em separado cada uma das iniciativas, buscando, desde esta apresentação, pontuar o que nos parecem indicativos teóricos e metodológicos peculiares às ações efetivadas. Ao final do artigo, teceremos sucintamente comentários comparativos que nos permitem, destas particularidades, extrair vetores reflexivos partilhados.

Cinema como fato social total: cineclubes e exposições públicas de filmes em Natal¹²

Ao longo de sua existência no mundo, os homens têm se distinguido pela faculdade privilegiada de produção da cultura e de construção da história. Se o pensamento não deixa de constituir uma forma de ser, assistir a um filme produz um pensar sobre o que nos foi mostrado que termina por revelar o próprio espectador. Isso gera e reflete um agir no mundo social. Na Inglaterra, as casas de cinema eram conhecidas originalmente como *bioscópios* por representarem visualmente o movimento real das formas de vida. Em busca da fantasia ou do sonho, as ruas, os pátios, as praças, tudo serve para o encontro de pessoas fora de suas condições e do papel que desempenham em uma coletividade organizada. A empatia e a proximidade constituem os suportes de uma experiência que acentua intensamente as relações emocionais ou contatos afetivos e assim construindo uma narrativa diferenciada para e sobre a cidade.

Dentro dessa perspectiva, resalto duas experiências de intervenção cultural estão sendo realizadas atualmente em Natal, capital do Rio Grande do Norte, envolvendo exposições

¹² Atividades coordenadas ou apoiadas pela Profa. Dra. Josimey Costa da Silva.

cinematográficas e constituindo campo para pesquisas acadêmicas em comunicação urbana.

A primeira delas é o “Cineclube Natal”, iniciativa independente começada em 2005 e contando com meu apoio desde então. De natureza associativa, o cineclube tem como objetivo promover o estudo, a difusão e a discussão da arte cinematográfica e do audiovisual por meio de projeções de filmes, cursos, conferências, debates e publicações. A atual versão repete os propósitos de outra mais antiga, o “Cineclube Tirol”, que teve uma existência marcante dentro da vida simbólica natalense até a década de 80, com uma atuação explicitamente política de organização da sociedade em torno das possibilidades de intervenção do cinema na vida coletiva. O atual cineclube tem realizado sessões regularmente em salas fixas com a exibição de filmes que não constam do circuito comercial. Além da pluralidade de ofertas de obras fílmicas, as sessões se distinguem pela realização de debates, o que contribui para mudar as condições e a forma da participação na fruição cinematográfica. A organização atua ainda na Internet por meio de [comunidade no Orkut](#), do grupo cineclubenatal@grupos.com.br aberto para discussões, um [blog](#) com histórico, cartazes e outras informações atualizadas, além do endereço eletrônico ccnatal@yahoo.com.br.

A outra experiência, já implantada experimentalmente também no ano passado, está sendo institucionalizada como extensão universitária por meio de acordo operacional entre a Universidade Federal do Rio Grande do Norte e o Cineclube Natal. Fruto de dois projetos, um dos quais coordenado por mim, o projeto “Cinema para Todos” trata da ampliação das sessões do cineclube para espaços abertos em bairros periféricos da cidade e em localidades do interior do estado. O foco é a exibição de filmes nacionais através de projetor e telão em ambiência pública, com a busca da confraternização e do encontro que resgatam festas de praças interioranas e trocas culturais mais democráticas. Também esta experiência é o prolongamento de outra, “Cinema na Rua”, realizada de 1997 a 2000 pela própria UFRN e que consta de tese defendida no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais pela PUC/SP em 2004¹³.

As duas iniciativas permitem perceber o cinema como fato social total que engloba o filme, e o filme como fato que também contém o cinema. A experiência de cinema surge no nível do simbólico, mas se alimenta da concretude do cotidiano. A realização

¹³ Silva, Josimey Costa da. *No limite da Traição: cinema, comunicação de massa e vínculos sociais*. Tese de doutorado. São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais – Antropologia, 2004.

das sessões em espaços de debate cultural ou de uso comunitário popular ressalta o local da sessão como um espaço de significação e o evento como encontro significativo. Assim, o cinema se revela mais claramente como prática social, superando as interpretações tradicionais do filme como texto, que caracterizam a grande maioria dos estudos sobre cinema.

Uma outra possibilidade das experiências é a produção de registros em vídeo-documentário de caráter etnológico, o que já foi feito com o Projeto Cinema Mambembe, de São Paulo, com o filme de longa-metragem “Cine Mambembe: o cinema descobre o Brasil” (de Laís Bodanzky e Luís Bolognesi, 1998), numa forma de representar a complexidade do processo de recepção cinematográfica e facilitar o seu estudo.

A recepção da mídia cinema completa o circuito de significação iniciado com a produção, principalmente considerado o fato de que o cinema é um vasto e complexo fenômeno sócio-cultural. O estudo desse processo requer considerar o cinema como um conjunto multidimensional não se presta a um estudo rigorosamente unitário, mas somente pode ser apreendido por abordagens transdisciplinares e multimetodológicas, com o recurso de integração de diferentes disciplinas (comunicação, antropologia, semiótica, etologia) construída a partir da hipótese de uma linguagem nova e comum entre elas. Este é o suporte teórico tanto da realização das sessões como da documentação em vídeo.

Cidade-mídia: expedições urbanas e ressignificações comunicacionais em São Paulo¹⁴

Dentre as atividades que venho desenvolvendo na cidade de São Paulo uma, especificamente, parece-me relevante aos propósitos deste ensaio. Trata-se de iniciativa de intervenção urbana e de produção teórica multidisciplinar e interinstitucional denominada “Projeto Urbis”¹⁵.

“Urbis” tem por propósito estruturar cadeias reflexivas e perceptuais disparadas pela realização de expedições urbanas na cidade de São Paulo¹⁶. É um projeto que, antes de

¹⁴ Atividades coordenadas pela Profa. Dra. Rose de Melo Rocha.

¹⁵ Desenvolvida, de 2003 a 2004, junto ao Projeto de Pesquisa “Arqueologia do Contemporâneo. Design, Comunicação e Cultura Urbana” (SENAC/SP) e contando com a participação da equipe do GEDEC – Grupo de Estudos em Design, Comunicação e Cultura Contemporânea. Desde 2005, a reflexão sobre esta experiência permanece, em uma etapa de amadurecimento conceitual, presente no projeto de pesquisa que coordenamos no Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM/SP, intitulado “Por uma Imagética do Consumo: Imagens Limiares e Visualidades Juvenis”.

¹⁶ No segundo semestre de 2003, a experiência das expedições deu origem a uma oficina desenvolvida com sucesso em Florianópolis, durante a III Semana de Jornalismo da UFSC.

mais nada, propõe um enfrentamento da cultura do excesso e da lógica da descartabilidade. Não nos interessa cartografar extensivamente a cidade. Ao contrário, interessa-nos imprimir aos trabalhos de campo o sentido de pontos de desdobramento intensivo, capazes de adensar, ao máximo, as possibilidades significativas sugeridas pelos lugares estudados. E, para isso, não temos pressa.

Assumindo o olhar como uma de nossas mais potentes ferramentas de conhecimento, não temos a intenção de, com ele, resgatar um suposto exercício da verdade ou sequer da unicidade. Interessa-nos igualmente, como um dia proposto por Paul Feyerabend (Feyerabend, 1975), olhar o mundo – real, imaginado, vivido no presente, rememorado, imagético, imaginário – com lentes multifocais. Interessa-nos perceber aquelas camadas de sentido que desconhecem certezas. Interessam-nos as construções, todas elas. As que chamamos de sonho, as que cremos realidade, as que experimentamos como devaneio.

Fazendo, e não sem esforço, um exercício de distanciamento crítico em relação aos trabalhos de pesquisa que venho conduzindo, destacaria, desde um ponto de vista epistemológico, alguns eixos ordenadores que considero bastante relevantes à atuação do grupo de pesquisa na efetivação desta que chamamos uma arqueologia do contemporâneo.

Trata-se de uma zona limiar na qual se pode, de modo não hierárquico, exercitar-se livremente uma descarga de *insights* e, a posteriori, trabalhar-se sobre ela. Digo que vivemos na limiaridade posto que insistimos em impor à dinâmica urbana – essencialmente dromocrática (VIRILIO, 1984) – um ritmo de lentidão, um ritmo reflexivo denso e de longa duração.

Finalmente, desejo insistir em um pressuposto fundamental da natureza do olhar que dirigimos à cidade. Olhamos para a cidade quase como se, nela, auscultássemos imagens invertidas, figurações banais, narrativas captadas em movimento, práticas talhadas pelo hábito cotidiano e, exatamente por isso, desveladas em toda sua possibilidade de explicitação.

Recolhemos, no trabalho de campo, vestígios do quase-agora, falas disparadas em *flashes*, sensações imperfeitas, inacabadas. Olhamos para a cidade ali mesmo onde se desfaz o dito e onde se forja o não-dito. Buscamos na cidade seus sussurros e, segundo vimos percebendo, eles não se localizam na coxia, mas exatamente no protagonismo da encenação.

Escavamos o que está acontecendo, escavamos elementos urbanos e memoriográficos ainda em processo. Buscamos, também, reconstruir histórias acerca do que seria aquele

local a partir dos despojos que foram lançados no ambiente. Trabalhamos com o que a cultura do excesso vai deixando de lado e tentamos, exatamente, recolher sobras de uma sociedade que produz em demasia e recicla escassamente. Nos interessam os restos. Nos interessa recolher o que é descartado. Nos interessam os lapsos. É esta a origem de nossa poética. É este o pressuposto de nossa arqueologia.

O que procuramos? Levantar, com o maior detalhamento possível, registros de elementos audiovisuais, gráficos e urbanísticos, formas naturais, práticas culturais, relações de sociabilidade, narrativas e o que vimos denominando nosso “sistema de restos”: papéis, folhetos, bilhetes, objetos e despojos naturais encontrados nos locais de investigação. Recolhemos e registramos, ainda, nossas próprias práticas perceptuais acerca do ambiente pesquisado, logo que a ele chegamos, durante e ao fim da observação.

Quando partimos para as expedições, o roteiro de observação funciona como um guia de possibilidades, nunca como um padrão único ou estanque a ser seguido. A proposta é simples, e não menos desafiadora. O estranhamento, o ser estrangeiro e a potência do estranho vem sendo importantes bases reflexivas para nossa atuação, funcionando, na verdade, como o princípio mesmo de nossas investidas de campo. Os expedidores chegam aos locais de observação com a clara orientação de exercitar o estranhamento, olhando, para os locais escolhidos, com a curiosidade de viajantes, de estrangeiros.

Realizadas as expedições, o que fazemos? Nossa metodologia de pós-produção tem início com uma grande e lúdica troca de experiências. Na sequência, partimos para o levantamento e associação entre imagens coletadas, sensações experimentadas, cores, cheiros e texturas evocadas. Organizamos painéis semânticos, estruturamos sistemas de *links* e discutimos várias possibilidades de montagens e desdobramentos – tanto gráficos, quanto teóricos – deste material. Identificam-se, ao longo deste processo, palavras-chave que melhor sintetizem ou agreguem as diferentes experiências vividas e observadas. Dedicamo-nos ainda a investigar a etimologia destas palavras, procurando agregá-la aos trabalhos de discussão.

E muito profundamente nos divertimos, retornando e resignificando os materiais coletados, retomando e identificando recorrências nas sensações e depoimentos colhidos. Não por acaso, alguns termos sobressaem do trabalho que desenvolvemos após as expedições. Penso que eles são entroncamentos, eixos significantes das cadeias de sentido que recolhemos da cidade.

Surgem, a partir daí, os primeiros indicadores de eixos, de temas e conceitos de criação e, na sua esteira, de textos a serem lidos e partilhados pelo grupo. Realizamos igualmente a organização do “sistema de restos” que tem nos servido como base criativa de produtos iconográficos e dados materiais que são tratados em iniciativas acadêmicas de natureza conceitual.

Tem sido bastante recorrente nas expedições a clara percepção da existência de uma mixagem das fronteiras entre natureza e cultura, entre artifício e naturalidade, reforçando a concepção da cidade como cenário no qual pipocam múltiplas “bolhas vivenciais” e na qual se misturam múltiplas identidades. Vários dos expeditores mencionam experimentar nos espaços visitados, mesmo quando abertos, uma sensação de encapsulamento.

Hoje o que temos são lugares culturais. Que vivemos, apesar da geografia da cidade. Nós, deficientes sensoriais habituados à domesticação cultural. E ainda chamamos isto de civilização. Depois de termos deteriorado a natureza precisamos reinventá-la? Soa artificial. É melancólico. Como diz o anúncio de um grande empreendimento residencial na mesma cidade de São Paulo: muito espaço, a vida ao ar livre. Curioso: a mensagem está encravada em um terreno devastado. Demoliram-se casas, fábricas e agora, sob a pele nua da terra seca se reconstruirá a vida ao ar livre. Ar livre, apesar da cidade. *Resort* urbano, não-lugar onde afinal, ironicamente, poderíamos voltar a viver. Em estado de exceção.

Considerações finais

O cinema realiza uma viagem do espírito. A comunicação urbana convida a uma viagem por e com imagens – visuais, olfativas, táteis, imaginadas. Cada uma das cidades que o viajante conhece na tela, seja a sua própria cidade ou qualquer uma outra, deixa-lhe impressões distintas no espírito, fragmentos de muitas cidades, ao mesmo tempo universais e singulares em si mesmas. Cada uma das cidades concretamente experimentadas igualmente alimenta substratos imaginários. O trânsito é intenso, as trocas incessantes.

Essas cidades, juntas, produzem uma cidade possível, mestiça, totalizadora dos fragmentos e singularidades reais. A cidade vista assim, constitui uma justaposição de passado e de futuro, está constantemente se construindo, destruindo e reconstruindo e, pela remodelação do espaço, remodela também o tempo. A cidade é o palco “onde simultaneamente podem ser colhidos todos os tipos de diferenciações locais e de uma emergente uniformidade planetária” (Canevacci, 1993: 91).

Imagens de cidades, imaginários a elas associadas, representações escritas e visuais, despojos imagéticos. Todos nos acompanham em uma peculiar experiência de urbanidade. Viajamos nas representações, representamos o experimentado e também o nunca visto, somos arrebatados por visualidades. Mas, igualmente, conferimos ao concretamente vivido o crivo de nosso olhar. Nas cidades que muito se dão a ver, nestas cidades pouco se dá a olhar.

A alta densidade populacional e a abundância de meios técnicos de comunicação produzem efeitos na sensibilidade de quem habita a cidade. A necessidade de entorpecer os sentidos da proximidade, como o olfato, e exacerbar os da distância, como a visão, criam um jeito de ser e viver essencialmente urbanos. O que o excesso de proximidade física dificulta e a comunicação urbana facilita em termos de pensamento abstrato refere-se à ausência do objeto. Com a ausência, o pensamento separa, considera isoladamente o que antes estava unido, cria uma imagem que substitui o objeto.

Claude Lévi-Strauss (1976) menciona que os perceptos são indissociáveis da situação concreta em que aparecem. Já o pensamento abstrato estabelece pontes entre a coisa e a representação mental que dela se faz, como ocorre no mito do duplo descrito por Edgar Morin, onde a presença e a ausência coexistem (Morin, 1997). Embora impere, nas cidades, a cultura das imagens midiáticas e da orientação iconográfica disseminada, as potencialidades de sua comunicação não se exaurem em suas manifestações visíveis, “mas se estendem também às pressões imateriais que determinam o contexto comunicativo” (Canevacci, 1993: 78). É essa condensação entre aquilo que significa e aquilo que é significado no âmbito da cidade a nossa preocupação central de investigação.

Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal. Ensaio sobre os fenômenos extremos*. Campinas, Papirus, 1992.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II. Rua de mão única*. São Paulo, Brasiliense, 1993.

BETH, Hanno / PROSS, Harry. *Introducción a la ciencia de la comunicación*. Barcelona: Anthropos, 1990.

CALDEIRA, Teresa P. R.. *City of walls: crimes, segregation and citizenship in São Paulo*. PhD Dissertation on Anthropology. Graduate Division of the University of California at Berkeley, 1992.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANEVACCI, Massimo. *Antropologia do cinema*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

- CANEVACCI, Massimo. A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. SP: Studio Nobel, 1993.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 1994.
- DE CERTEAU, Michel. "A linguagem da violência". In: *A cultura no plural*. Campinas, Papirus, 1995, pp. 87-97.
- DE CERTEAU, Michel. "Espaços e práticas". In: *A cultura no plural*. Campinas, Papirus, 1995, pp. 233-253.
- DELEUZE, Gilles. Conversações. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- FEYERABEND, Paul. *Contra o Método*. Rio de Janeiro, F. Alves, 1977.
- FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1987.
- FREITAS, Ricardo Ferreira. *Centres commerciaux: îles urbaines de la post-modernité*. Paris, L'Harmattan, 1996.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa, Relógio D'Água, 1989.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa, Dom Quixote, 1994.
- METZ, Christian. Linguagem e cinema. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- METZ, Christian. Psicoanálisis y Cine: el significante imaginário. Barcelona: Gustavo Gili, 1979.
- MORIN, Edgar. O cinema ou o homem imaginário. Lisboa: Relógio D'água/Grande Plano, 1997.
- MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo - Neurose. Vol. I. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo - Necrose. Vol. II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- VIRILIO, Paul. *L'insecurité du territoire*. Paris, Galilée, 1993.
- VIRILIO, Paul. *Esthétique de la disparition*. Paris, Galilée, 1989.
- VIRILIO, Paul. *L'horizon négatif*. Paris, Galilée, 1984.
- VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1993.
- VIRILIO, Paul. *A máquina de visão*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994.
- VIRILIO, Paul. *A inércia polar*. Lisboa, Dom Quixote, 1993.
- VIRILIO, Paul. *A arte do motor*. São Paulo, Estação Liberdade, 1996.
- VIRILIO, Paul. "'A century of hyper-violence'. Paul Virilio: an interview". *Economy and Society*, volume 25, nº 1, fevereiro de 1996, pp. 11-126.
- VIRILIO, Paul. "Los capitalistas del tiempo". Entrevista ao jornal *Página 12*, Caderno "Primer Plano". Buenos Aires, 26 de maio de 1996, pp. 3-4.